# Vivi para Contar: *'O morcego não só me mordeu. Ele me 'esfaqueou': tive que pegar empréstimo no banco'*, diz jornalista

Rosane Serro conta os detalhes do ataque sofrido no próprio apartamento e relembra suporte dos funcionários do SUS

Por *Rosane Serro*,* 15/05/2025

Link: https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2025/05/15/vivi-pra-contar-o-morcego-nao-so-me-mordeu-ele-me-esfaqueou-diz-jornalista.ghtml

Quando aconteceu, eu estava desfalecida no sofá, deitada de costas, com o antebraço esquerdo pousado na barriga e o braço direito ao longo do corpo, segurando o controle da televisão. Sei, porque foi assim que acordei, zonza, às três da madrugada de um sábado, no apartamento em que moro, na Zona Sul do Rio. Tive a sorte de ver o vulto passar. E foi armada com o controle remoto que enfrentei o desconhecido. Se eu não tivesse acordada, tomado a atitude de enfrentar o vulto de supetão e dado de cara com o morcego saindo de um quarto — o que me fez gritar, assustá-lo e isolá-lo no aposento — jamais teria sabido da sua presença. Também não teria lido o que estava ao meu alcance e muito menos identificado que havia sido mordida. Tampouco saberia que as bolinhas pretas que encontrei no sofá, peguei e analisei tão perto do rosto, por conta da minha baixa visão, infelizmente, eram suas fezes.

Entrei no Hospital Rocha Maia às 13h40, com o braço esquerdo inchado no local da mordida e dormente do pulso à axila. Parei de sentir a dormência por volta das 19h. A enfermeira Fabíola, do Super Centro Carioca de Vacinação, que funciona no local, confirmou a mordida do morcego. Por ter visto o animal e corrido para lá, consegui tomar as vacinas no prazo certo. A antirrábica, a antitetânica e o soro antirrábico devem ser administrados em até 24h após a ocorrência.

No hospital, aprendi que a vacina antirrábica leva 15 dias para imunizar o corpo e só o faz após quatro doses, que devem ser tomadas nesta ordem: em até 24 horas após a ocorrência, três dias após, oito dias após e 15 dias após. Se alguém perder uma dose, não estará totalmente imunizado. Sua validade é de apenas três meses. Também é necessário tomar o soro antirrábico imediatamente após a vacina. Há pessoas que tomam a vacina e ainda assim morrem de raiva, pois não tomaram o soro.

O Rocha Maia é o único do Rio com um Centro de Referência de Imunobiológicos Especiais (CRIE), uma unidade de sorologia para imunização contra mordidas de animais silvestres e domésticos. Qualquer uma, menos a de cobra, tratada pelo Instituto Vital Brazil, em **Niterói (RJ)**.

**Um obrigado ao SUS**

O SUS bateu um bolão: enfermeiros qualificados, bem formados, prestativos e gentilíssimos. Nas mãos deles, as seis furadas que o morcego me fez pareciam picadas de mosquito. Além do Marco Antônio, da Unidade de Sorologia, foram sensacionais as enfermeiras Fabíola e Sueli, do Super Centro Carioca de Vacinação; assim como, mais tarde, as enfermeiras e os funcionários do Instituto Nacional de Infectologia e da Fiocruz, que me acolheram. Saí do Rocha Maia e fui me abrigar na casa do meu filho. A novela tinha apenas começado.

Quando disparei para o hospital, verifiquei que o morcego havia defecado e urinado em praticamente todos os cômodos, na noite anterior. As fezes são transmissoras de histoplasmose, que afeta pulmões, baço e fígado e também de criptococose, que pode causar meningite e levar à morte. A urina — se o animal for portador da bactéria — pode transmitir leptospirose. E para essas doenças não há vacinas.

A criptococose me preocupou, pois um dos sintomas é tosse e o apresentei de cara, logo após manipular as tais bolinhas e deitar no sofá. Nenhuma das duas tem transmissão humana. Já pensou em como identificar rastros de urina de morcego, após evaporadas? Pois é. Outro aprendizado: jamais varra as fezes (que são pequenas, pretas, em bolas ou charutos e grudam em qualquer superfície,

têm consistência de chiclete), pois, ao fazê-lo, espalhamos pelo ambiente os esporos dos fungos que causam as doenças letais.

Às 9h02 da segunda-feira, liguei para o 1746, número da Central de Atendimento ao Cidadão da Prefeitura, e uma operadora me atendeu imediatamente. Três horas depois, Rafael Pereira, integrante, há 20 anos, da equipe de Investigação Zoossanitária do Centro de Controle de Zoonoses da Prefeitura do Rio de Janeiro e funcionário do SUS — sim, fiz o "viva o SUS!" — estava na minha porta com um puçá para capturar crustáceos e um saco plástico.

Antes de entrar, ressaltou: "Preciso dizer que nunca vi um caso igual ao seu" (de alguém ser mordido dentro de casa naquelas condições). Dez minutos depois, ele volta com o cadáver já no saco: "Estava morto. Provavelmente de fome. Parece insetívoro, come até 150 insetos por dia. Não fica nas árvores. Entrou, pois sabe que onde há luz, há insetos. Certamente lhe mordeu por estar estressado e desesperado de fome."

Ele me contou que existem 178 tipos de morcegos no Brasil. Existe até um morcego-pescador na Lagoa Rodrigo de Freitas ("amarelo, lindo"), que plana sobre as águas e fisga peixes tal qual as gaivotas. Mas Pereira enfatizou: todos os morcegos mordem e todos são vetores da raiva. Anotou?

Após a coleta, o morcego foi encaminhado ao Instituto Municipal de Medicina Veterinária Jorge Vaitsman para análise e pesquisa. Daí a enorme importância de se pedir socorro ao Centro de Controle de Zoonoses e não aos bombeiros, porteiros ou vizinhos. Eles vão estudar o animal, monitorar a nossa saúde e controlar a Saúde Pública. Os demais, com sorte, apenas o descartarão.

Rafael Pereira coleta de oito a 10 morcegos por dia, em vários bairros do Rio. Ele alertou para qualquer "contato" com o morcego, inclusive arranhões, lambidas, mordidas ou até, sim, carinho. Uma família achou um morcego na piscina, resgatou-o, deu-lhe frutas para comer e o filho, de 22 anos, passou a mão no rato voador para "sentir a textura". Morreu de raiva. A essa altura, Pereira, muito polido, olhou o relógio. Claro que o liberei do sequestro temporário. Mas não sem uma última pergunta: "E o senhor gosta do que faz?" Ele abriu um sorrisão, pegou o morcego, o puçá e a mala de ferramentas e mandou:

— Meus netos me chamam de Batman!

**Superação**

Terceiro capítulo da novela: encontrar a empresa de remoção de riscos biológicos para retirar fezes e urina e higienizar o apartamento em padrão hospitalar do chão ao teto. Levei uma semana. Para contratá-la, tive que pedir empréstimo bancário. O morcego não só me mordeu. Ele me esfaqueou. Depois da desinfecção completa, doei o sofá onde foram localizadas as fezes. Trauma funciona assim.

No quarto capítulo, novamente o SUS entrou em cena. A histoplasmose e a criptococose são doenças pesquisadas pelo Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI), ligado à Fiocruz. É preciso ser encaminhado pela Clínica de Família. Mas, uma vez credenciado como paciente, todos os exames e consultas são feitos gratuitamente e acompanhados por especialistas.

Meu caso já foi fechado pelo 1746. Mas só o selarei com lacre de cera ao receber o diagnóstico do esfomeado e os exames do INI. Compartilho as informações com o máximo de pessoas, pois é utilidade pública. No mais, viva os enfermeiros e servidores públicos brasileiros! Viva a equipe de Investigação Zoossanitária do Centro de Controle de Zoonoses! Viva a Fiocruz! E, sim, nunca é demais, viva o SUS!

Na véspera da publicação deste texto, no fim da faxina, encontrei, dentro do closet que fica no quarto onde isolei o morcego um pedaço de um outro rato voador. Quase caí para trás. Era um filhote? Um pedaço de perna? O invasor original pariu na minha casa? O que eu faço com isso agora, meu Deus? Liguei, claro, para o Centro de Zoonoses. Eles vêm nesta quinta-feira (15). Pela foto que tirei e mostrei para eles, Rafael Pereira calcula que o bicho esteva aqui antes do que aquele que me mordeu. E assim o mistério segue.

**Em depoimento ao repórter especial Eduardo Graça.*